

# A atuação de intérpretes de Libras na esfera comunitária: uma experiência de formação para o trabalho em equipe

## RESUMO

### Janaina Cabello

[janainacabello@ufscar.br](mailto:janainacabello@ufscar.br)  
<https://orcid.org/0000-0001-7221-687X>  
Universidade Federal de São Carlos,  
São Carlos, São Paulo, Brasil

### Luiza Pedrosa

[pedrosa.luiza17@gmail.com](mailto:pedrosa.luiza17@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0003-4009-5991>  
Prefeitura Municipal de São Carlos,  
São Carlos, São Paulo, Brasil

Este artigo tem como objetivo evidenciar a importância do trabalho em equipe no campo da tradução e interpretação Libras/Língua Portuguesa, apresentando os procedimentos considerados mais adequados para a interpretação da Língua Portuguesa para a Libras adotados por uma equipe de intérpretes em formação em atividades de contexto comunitário. Participaram da pesquisa duas intérpretes de Libras - então graduandas em um curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras/Língua Portuguesa - que receberam um questionário on-line com perguntas acerca do trabalho de interpretação realizado. Com base em suas respostas, tecemos algumas considerações a respeito da importância do trabalho em equipe para que as intérpretes pudessem atuar com mais qualidade na direção de uma maior acessibilidade às pessoas surdas, corroborando com pesquisas do campo que indicam a necessidade da interpretação Libras/Língua Portuguesa ser realizada por mais de um profissional tradutor/intérprete nos mais diversos contextos, inclusive quando da atuação na esfera comunitária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interpretação Libras/Língua Portuguesa. Trabalho em equipe. Esfera comunitária.

## INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras)<sup>1</sup> é reconhecida oficialmente no país desde 2002, com a promulgação da lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002) e do decreto 5626/2005, que a regulamenta. No que diz respeito à atuação do/a profissional tradutor/a e intérprete de Libras, o reconhecimento da profissão faz-se ainda mais recente, a partir da lei 12.319 do ano de 2010 (BRASIL, 2010).

Apesar deste reconhecimento relativamente recente (pouco mais de uma década, como apontado), podemos observar que o trabalho do/a tradutor/a e intérprete de Libras (TILSP) tem ocupado, cada vez mais, diferentes espaços públicos, ampliando, por sua vez, a possibilidade de circulação das pessoas surdas em esferas sociais distintas (RIGO, 2015).

Desse modo, a necessidade da interpretação entre as línguas (português e Libras) dá-se pela diferença de modalidades em que elas se apresentam: enquanto a língua portuguesa se apresenta na modalidade oral-auditiva, as línguas de sinais contemplam a visualidade e a gestualidade. Nessa direção, o/a profissional TILSP atua como mediador(a) da comunicação, recebendo a informação do emissor, fazendo o processamento das mensagens e as escolhas de opções estruturais, semânticas, entre outras, para repassar em outra língua, de outra modalidade, a informação dada pelo emissor (BRASIL, 2004). Nesse sentido, conforme apontado por Santos (2020), compreendemos que “a língua se constitui na comunicação, na interação verbal – ela não pode ser dissociada desse fluxo e analisada em suas formas isoladas, pois só existe em funcionamento entre falantes” (p. 37).

Justamente pelo fato da língua ser viva, ou seja, por acontecer e se desenvolver “conforme as necessidades sociais, [n]as relações entre sujeitos em determinados contextos, adquirindo sentidos de acordo com a realidade em que é produzida” (SANTOS, 2020, p. 37), é que assumimos a importância de debater sobre as formas de trabalho do/a intérprete de Libras, uma vez que este profissional é aquele que atua “na fronteira de sentidos da língua de origem e da língua-alvo, apropriando-se dos sentidos do discurso do outro, sem prender-se à sua forma linguística, realizando as traduções de forma a garantir a completude da mensagem nessa nova produção” (LODI; ALMEIDA, 2010 apud SANTOS, 2020, p. 63).

Dessa forma, compreendemos que no momento da atuação na interpretação<sup>2</sup> o/a TILSP não tem muito tempo para refletir sobre suas escolhas tradutórias e tomar decisões. Ou seja, sua atitude precisa ser imediata, pois o que está em jogo naquele momento é o sentido concreto do enunciado, sendo que “sua concentração precisa ser total e por essa razão é que em geral, o trabalho do intérprete não deve se estender para além de 20 ou 30 minutos ininterruptos” (LACERDA, 2012, p. 259).

Além disso, como apontado por Nogueira (2019), na interpretação, “muitas vezes, é preciso lidar com problemas de interpretação que surgem na hora, como por exemplo, uma piada que precisa ser interpretada e que, para que faça sentido, precisa ser adaptada ao público e à cultura-alvo” (NOGUEIRA, 2019, p. 199).

Portanto, defendemos que a prática profissional do/a TILSP, justamente por envolver uma atuação que exige atenção, conhecimento linguístico de ambas as línguas em circulação – quanto aos aspectos léxicos, semânticos e pragmáticos – e conhecimento sociocultural dos contextos em que as línguas circulam e produzem sentidos e significados, precisa ser exercida em equipe – minimamente por uma dupla de profissionais - já que “as interpretações são realizadas em períodos longos e demasiadamente desgastantes para os intérpretes (física e mentalmente), uma vez que o processo de interpretação envolve duas línguas de estruturas linguísticas distintas” (AGILS, 2017, s/p.). Nesse ínterim, portanto, compreendemos como Nogueira e Gesser (2018, p. 123), que o trabalho em equipe “acontece quando dois ou mais intérpretes trabalham em conjunto durante todo o evento interpretativo”.

Ainda nessa direção, a Associação Gaúcha de Intérpretes de Línguas de Sinais (AGILS) também reafirma a necessidade do trabalho em dupla, na medida em que “alguns estudos mostram, assim como relatos de profissionais acometidos por lesões, que atuando por longos períodos e expostos a muita sobrecarga de interpretação, desenvolvem lesões por esforço repetitivo, inflamações nos ombros, problemas de coluna, entre outras moléstias” (AGILS, 2017, s/p.) Segundo a mesma entidade, embora o trabalho em equipe ainda não seja regulamentado, é de interesse das instituições respeitar os limites psicofisiológicos que envolvem o intérprete no processo de interpretação. Ainda nesse sentido, em respeito às pessoas surdas e ao direito de acesso às informações na sua língua - garantindo a valorização dos profissionais e um processo de inclusão social de fato - a AGILS recomenda e apoia que o trabalho em dupla seja respeitado para que, em breve, venha se tornar um direito garantido em lei a todos os TILSPs e surdos do país, sendo que “alguns espaços públicos e privados já reconhecem e respeitam a necessidade do trabalho de TILSP em dupla, remunerando esses profissionais conforme tabela de honorários seguida na região” (2017, s/p.).

Apesar disso, o trabalho em equipe ainda parece não ser uma realidade em todas as esferas de atuação do/a TILSP. Segundo Nogueira e Gesser (2018, p. 122-123),

[...] percebemos que a interpretação em equipe é um tema com pouca atenção e estudo na literatura nacional. Com efeito, observa-se também que o trabalho em equipe é muitas vezes negligenciado na formação de intérpretes de Libras-Português, pois frequentemente identificamos intérpretes formados e com anos de experiência, mas com grandes dificuldades em trabalhar em uma equipe.

Dessa maneira, mesmo sendo alertados/as sobre a relevância do trabalho em equipe, percebemos que na maioria das vezes intérpretes de Libras assumem diferentes demandas sozinhos/as (o que é muito desgastante e prejudicial para a saúde do profissional intérprete e, de forma mais ampla, para a própria execução do trabalho). No contexto nacional, segundo Albres e Kelm (2020, p. 4), “tanto a definição quanto a indicação para o emprego de interpretação em equipe (seja em duplas ou em número maior) ainda não é tão conhecida”. Os autores ainda apontam que as pesquisas que estudam a respeito do trabalho em equipe de intérpretes de Libras são ainda escassas no Brasil, sendo que em alguns campos a discussão a respeito ainda é mais incipiente, como no campo

educacional, por exemplo (SILVA, 2013; SANTIAGO, 2013; MENEZES, 2014).

Embora no país as discussões sobre o trabalho em equipe de intérpretes de Libras ainda sejam pouco numerosas, trabalhos do cenário internacional já justificam a necessidade de atuação de mais de um profissional considerando os aspectos físicos que são demandados do intérprete de Libras. A esse respeito, Albres e Kelm (2020, p. 18) ressaltam que “a incidência de lesão por esforço repetitivo (LER), síndrome do túnel do carpo (STC) e tendinite é alta entre os intérpretes de língua de sinais. Por causa do movimento constante envolvido, trabalhar constantemente sem periódicas e programadas pode prejudicar a condição física dos intérpretes” (ACCESS SERVICES NORTHWEST, 2019, s/p. apud ALBRES; KELM, 2020, p. 18). Ainda nesse sentido, a Acces Services Northwest (2019, s/p.) ainda aponta que para minimizar os problemas, pode-se organizar escalas para que os intérpretes não estejam interpretando situações sozinhos, assegurando intervalos suficientes no dia de trabalho e que não trabalhem muitas horas em um único dia.

Nesse ínterim, entendemos que a falta do revezamento (um dos aspectos do trabalho em equipe) traz para a atuação do/a profissional TILSP consequências prejudiciais não apenas para o/a intérprete, mas também para o público alvo, ou seja, para as pessoas surdas. Para evitar o comprometimento da qualidade do trabalho, portanto, Nogueira (2016) afirma que é fundamental “a presença de uma equipe que conta com no mínimo duas pessoas, que atuam em conjunto, a fim de que exista o revezamento na produção da interpretação [...]” (NOGUEIRA, 2016, p. 85-86).

Ainda a esse respeito, cumpre destacar que somente o revezamento entre profissionais intérpretes não caracteriza, por si só, um trabalho em equipe. Como destacado por Nogueira e Gesser (2018), o revezamento para que enquanto um dos intérpretes possa descansar (aquele que está “inativo”, ou seja, não está no turno de interpretação) enquanto o que está “ativo” interprete, realizando a produção do texto para a língua alvo, caracteriza uma atuação que conta com a presença física de mais de um profissional, mas a atuação não é compartilhada, sendo que “o foco deste modelo não é um trabalho colaborativo, mas que aja alívio da fadiga física e mental” (NOGUEIRA; GESSER, 2018, p. 131). Nesse sentido, frisamos que

Napier, McKee e Goswell, (2006) [...] reforçam que não se trata apenas da questão da fadiga (embora seja um fator que influencia o argumento da atuação em equipe), mas eles ainda afirmam que quando uma equipe trabalha em conjunto, os membros dessa equipe apoiam um ao outro, contribuindo para melhorar a interpretação (NOGUEIRA; GESSER, 2018, p. 132).

Desse modo, nossa compreensão do trabalho em equipe vai na direção do que apontam Napier, McKee e Goswell (2006 apud NOGUEIRA; GESSER, 2018, p. 133), quando afirmam que

Quando uma equipe funciona bem em conjunto, apoia um ao outro a fim de melhorar a interpretação alheia. Embora possa parecer que um intérprete é "ativo", enquanto o outro é "inativo", ambos os intérpretes estão trabalhando. O intérprete que é "passivo" ainda é responsável por

apoiar o trabalho do parceiro, ao invés de se desligar completamente. (NAPIER; MCKEE; GOSWELL, 2006, p. 137, tradução nossa).

Assim, por considerarmos fundamental a atuação em equipe no contexto da interpretação, apresentamos neste artigo um recorte de uma pesquisa mais ampla<sup>3</sup> a respeito da formação para o trabalho em equipe na prática da interpretação Libras/Língua Portuguesa. A pesquisa teve como objetivo principal investigar como foram estabelecidos os encontros para a formação de uma equipe de intérpretes de Libras. A equipe era formada por duas intérpretes ainda inexperientes no contexto da interpretação Libras/Língua Portuguesa, que cursavam o bacharelado em Tradução e Interpretação Libras/Língua Portuguesa em uma universidade pública do estado de São Paulo e eram orientadas por uma intérprete de Libras profissional, já com bastante experiência e inserção na comunidade surda.

A atuação da equipe ocorreu durante a oferta do Curso das Promotoras Legais Populares<sup>4</sup> (PLPs) em um município do interior de São Paulo, caracterizando a atuação das profissionais como um trabalho de foco na esfera comunitária, ou seja, uma atuação que “ocorre na esfera pública, com o intuito de facilitar a comunicação dos não falantes da língua oficial do país, e o seu consequente acesso aos provedores de serviços, tais como a educação, a saúde e os contextos legais” (RODRIGUES, 2010, p. 5).

O trabalho da equipe de intérpretes foi analisado de acordo com o proposto por Hoza (2010), que apresenta a seguinte divisão para sua estruturação: i) pré-conferência (quando são estabelecidas conversas prévias entre os membros da equipe, com o objetivo de se pactuar questões sobre o trabalho, sobre a experiência de cada um, explicitando conhecimentos linguísticos e culturais bem como observando o contexto em que a atuação ocorrerá, estudando e se preparando para o trabalho); ii) durante a conferência (quando acontece a interpretação em si e os intérpretes mobilizam competências que contribuam para a sua atuação durante a interpretação) e iii) pós-conferência (momento em que aconteceria a avaliação do trabalho pelos membros da equipe, verificando o que funcionou ou não durante a atuação, observando pontos que podem ser aperfeiçoados para melhores performances na interpretação dos próximos desafios em equipe).

Nesse sentido, buscamos levantar os modos como houve a interação entre as profissionais intérpretes de Libras para a construção de uma atuação em que a interpretação ocorreu de forma coletiva e colaborativa nos três momentos de organização do trabalho como proposto por Hoza e anteriormente citado, uma vez que quando há o trabalho em equipe os profissionais envolvidos devem estar “atentos e prontos a colaborar com a interpretação, fazendo o uso de sua concentração máxima para atuarem em sintonia uns com os outros” (NOGUEIRA; GESSER, 2018, p. 123).

Apresentaremos a seguir o percurso metodológico adotado para a pesquisa, bem como alguns dados que serão debatidos mais detalhadamente neste artigo.

## PERCURSO METODOLÓGICO

O trabalho foi caracterizado como um estudo de caso, que “consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico” (MERRIAN, 1988 apud BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 89). Dessa maneira, o foco do trabalho foi a observação e posterior apresentação e discussão da atuação e do trabalho em equipe realizado por duas intérpretes de Libras em formação em atuação comunitária. Os dados apresentados e discutidos foram produzidos a partir de questionários, definidos como uma “[...] técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.” (GIL, 2008, p. 121). Os questionários foram realizados por meio de perguntas estruturadas e encaminhadas às participantes via e-mail<sup>5</sup>. As respostas também foram escritas e devolvidas por e-mail.

A partir das respostas enviadas pelas intérpretes de Libras em formação, buscamos identificar e descrever quais foram as estratégias adotadas para o momento da interpretação, considerando a estruturação das etapas para sua realização de acordo com a proposta de Hoza (2010), como citado anteriormente.

Nessa direção, trazemos como foco de análise e discussão os modos como as intérpretes realizavam o aperfeiçoamento a respeito dos assuntos que seriam abordados, com a busca de conteúdos escritos (textos, artigos, matérias e reportagens, por exemplo) ou de vídeos (sinais e conteúdos abordados em Libras) para maior compreensão sobre as temáticas e sobre os sinais/termos que poderiam ser adequados aos contextos que seriam interpretados. Ainda no que se refere à sinalização e vocabulário em Libras, os estudos prévios também eram momentos em que o grupo estabelecia sinais específicos para o momento da atuação no caso de sinais ainda não convencionados na Libras. Os questionários também pretenderam levantar informações sobre como o grupo agia posteriormente ao encontro (avaliação do grupo quanto à atuação, levantamento de dificuldades, importância do trabalho do intérprete de apoio, etc.).

Para este artigo especificamente, foram entrevistadas duas participantes da equipe do gênero feminino, graduandas em uma universidade pública do interior de São Paulo e que eram supervisionadas e auxiliadas por uma intérprete de Libras profissional e com ampla inserção na comunidade surda. Ambas as participantes, à época, tinham contato com a Libras há quatro anos, com o início do curso de graduação (ou seja, não tinham contato anterior ao curso com a língua de sinais, a comunidade surda ou o trabalho do/a intérprete de Libras). Suas experiências de interpretação e trabalho em equipe eram apenas aquelas de atividades ligadas ao curso.

O trabalho era realizado semanalmente, contando com o momento de estudo individual e em conjunto do grupo, com o momento de atuação e também com o feedback realizado pela supervisora, profissional mais experiente, após cada prática de interpretação.

Em cada uma das aulas eram abordados temas distintos, mas que se inter cruzavam em uma temática mais ampla relacionada ao contexto do cotidiano das mulheres (como violência de gênero e direitos das mulheres, por exemplo), podendo conter relatos pessoais apresentados pelas alunas que participavam naquele momento.

Apresentaremos as análises realizadas acerca dos procedimentos adotados pela equipe de intérpretes no que se refere à: 1) pesquisa de vocabulários e termos específicos; 2) pesquisas de materiais teóricos relacionados ao tema; 3) busca de vídeos que abordem o assunto; 4) breves conversas entre a equipe onde uma consegue compartilhar com a outra o resultado das pesquisas que foram realizadas; 5) momento da interpretação em si; 6) conversa posterior ao trabalho.

### PROCEDIMENTOS DE ANÁLISES DE DADOS

Para nossas análises, destacamos fragmentos das falas de cada uma das participantes constituindo algumas categorias de análise definidos por Vianna (2010) como “discursos desencadeados nos encontros, ou seja, as falas, os enunciados, as reflexões dos sujeitos que indicaram pistas a respeito da questão investigada” (p. 167).

As categorias de análise foram realizadas a partir da aglutinação de aspectos das falas das participantes que se assemelham, ou seja, “por falas que aparecem em momentos diversos durante as entrevistas coletivas, representando as mesmas idéias apesar de serem expressadas por palavras diferentes” (VIANNA, 2010, p. 167).

Desse modo, no espaço deste texto, destacaremos duas categorias de análise para discussão: 1) aspectos positivos do trabalho em equipe; 2) dificuldades do trabalho em equipe. Abaixo, apresentaremos os excertos agrupados em cada uma das categorias de análise e, em seguida, algumas análises e discussões possíveis.

### CATEGORIA DE ANÁLISE 1: ASPECTOS POSITIVOS DO TRABALHO EM EQUIPE

**Quadro 1** - Excertos dos questionários.

**Relatos de Bianca**

[...] “Nós fazíamos encontros quinzenais com a coordenadora para discutir os temas da próxima aula e também relatar dificuldades e dúvidas que tivemos durante a prática anterior”. [...]

[...] “basicamente a reunião servia para o desabafo de aflições,

Fonte: Quadro produzido pelas autoras.

Com base no relato de Bianca<sup>6</sup> percebe-se a importância das reuniões em grupo, pois é nesse momento em que cada intérprete consegue relatar possíveis dificuldades (também emocionais) sentidas durante algum momento da atuação. Além disso, nessas reuniões o grupo também pode estabelecer um momento

prévio de estudos sobre a próxima atuação, fazendo com que criem conhecimento sobre o que será discutido e, conseqüentemente, a atuação do intérprete de Libras seja favorecida. Segundo Marcon (2012, p. 2), “O planejamento prévio é imprescindível para que ocorra a produção de uma interpretação sem ruídos, lacunas ou interrupções, fenômenos que podem acontecer durante a atuação do intérprete, diante de conteúdos específicos das diferentes áreas do conhecimento.

Ainda a esse respeito, quando se trata de profissionais intérpretes ainda em contexto de formação, a importância do trabalho em equipe pode ser ainda mais relevante, uma vez que a interpretação simultânea exigirá “do intérprete um excelente conhecimento geral, uma excelente proficiência na compreensão e na produção das línguas envolvidas e habilidades, como a capacidade de coordenar o ouvir e o falar ao mesmo tempo” (NOGUEIRA, 2016, p. 78). Portanto, como pontuado pelo autor, se o trabalho está sendo realizado por profissionais ainda em desenvolvimento quanto à sua prática, a atuação em equipe torna-se imprescindível para que as capacidades de coordenar o ouvir e o falar ao mesmo tempo possam ser realizadas de maneira mais efetiva – a partir do momento em que há o apoio, durante a prática, de mais de um/a profissional caso dúvidas ou dificuldades surjam durante o processo.

Já no que diz respeito aos aspectos subjetivos e emocionais, indicados no segundo excerto, quando os profissionais estão em início de formação, parece que a maior preocupação é “a exposição de sua ignorância, é o julgamento que os outros possam formar a seu respeito” (MAGALHÃES JÚNIOR, 2007, p. 64). O autor salienta também que, quando iniciantes, os temores dos profissionais intérpretes dizem respeito mais frequentemente a aspectos sociais e circunstanciais, sendo que existe uma preocupação mais exacerbada em relação à exposição e ao julgamento dos outros.

Nessa direção, portanto, é de se supor que o trabalho em equipe, além de garantir melhor atuação técnica, também é fundamental como modo de estruturar e apoiar emocionalmente intérpretes em formação. No caso da experiência aqui relatada, a presença de uma supervisora, ou seja, uma profissional mais experiente compondo a equipe de intérpretes também pode ser ressaltada como fundamental, uma vez que o “desconhecimento, em nossa ignorância do que se espera de nós [de intérpretes iniciantes] e até ao que vem de fato a ser tradução simultânea” (MAGALHÃES JÚNIOR, 2007, p. 65) pode ser um dificultador para a formação de intérpretes de Libras – minimizado quando o processo pode ser constituído em equipe, com a troca entre profissionais mais e menos experientes.

**Quadro 2 - Excertos das entrevistas**

**Relatos de Joana**

1 - [...] “sempre penso que quem está no apoio acaba ajudando quem está no turno principalmente porque está atento ao slide, e tem o recurso do celular que também ajudava nesse momento” [...]

2- [...] “Gostei muito de trabalhar em equipe acho essencial, pois no meu caso me sentia mais segura sabendo que tem outra pessoa para me dar um apoio quando necessário” [...]

**Fonte:** Quadro produzido pelas autoras.

Conforme relatado por Joana, conseguimos notar a importância do intérprete de apoio no momento da interpretação, o que evidencia aspectos positivos da atuação profissional em equipe. Por mais que o mesmo esteja em seu momento de descanso, aquele momento também é reservado para que ele esteja atento à interpretação e que possa realizar o que for necessário para auxiliar seu colega que está no turno de interpretação. Para isso, Nogueira (2016) afirma

[...] O intérprete que teoricamente não está na função “ativa” continua como responsável em apoiar o trabalho do parceiro, em vez de se “desligar” do processo de interpretação. Com isso, o intérprete de apoio necessita estar alerta para que possa contribuir com o colega, caso perca alguma informação essencial ou que perceba que a informação não está de forma clara. Todavia, para que uma equipe possa funcionar de forma efetiva, alguns procedimentos e estratégias devem ser observados e adotados por seus membros. (p. 6).

Na segunda fala de Joana (excerto 2 do quadro 2), destacamos outro ponto importante na relação entre os intérpretes que atuam em equipe, que são os vínculos estabelecidos pela e na equipe. Após trabalhar por um determinado tempo juntos, os mesmos criam vínculos e isso se torna um ponto positivo para a atuação, porque os intérpretes passam a se sentir mais confiantes no momento da atuação, por saber que existem pessoas ao seu redor que transmitem esse sentimento e que estão ali para dar suporte caso algum imprevisto venha a acontecer.

Dessa maneira, as falas das intérpretes trazidas aqui acabam por exemplificar um processo de atuação em equipe em que todos os membros da equipe estão efetivamente envolvidos no processo, estejam eles realizando a interpretação propriamente dita ou em um papel de apoio. Para Nogueira e Gesser (2018, p. 135), “esse apoio é necessário para aperfeiçoar o desempenho da equipe e assegurar a comunicação precisa. Nessa perspectiva, entendemos que o colega que assume a função de apoio não descansa enquanto o colega está no turno interpretando, e, portanto, permanece atento de forma corresponsável com a interpretação em curso”.

## CATEGORIA DE ANÁLISE 2: DIFICULDADES DO TRABALHO EM EQUIPE

### Quadro 3 - Excertos das entrevistas

#### Relatos de Bianca

1 - [...] “muitas vezes recebemos vídeos que seriam exibidos e também fizemos as legendas destes vídeos para a professora exibi-lo. Essa era uma prática muito desgastante que consumia o tempo de estudo dos slides”. [...]

2- [...] “O trabalho em equipe é muito difícil por causa da heterogeneidade do grupo, tanto em nível lingüístico, como em metodologia de trabalho, mas essa dificuldade é intrínseca do ser humano e insolúvel, o que a gente tenta é buscar o equilíbrio”.

Fonte: Quadro produzido pelas autoras.

Na primeira fala de Bianca, fica evidente que por mais que o grupo conseguisse ter acesso ao material preparado pelo palestrante, não era possível garantir que o material iria manter-se daquela forma até a aula, pois a equipe sabia que a qualquer momento poderia ser alterado pelo professor/ministrante. Caso isso se acontecesse, além do conteúdo já ser denso, talvez uma situação inesperada tornasse a atuação da intérprete mais desgastante caso o trabalho não fosse realizado em colaboração com uma equipe de profissionais.

A respeito da segunda fala da intérprete, destacamos as dificuldades do trabalho em equipe no que diz respeito a presença das diferenças inerentes aos grupos. Nesse sentido, é essencial que cada um saiba respeitar as características do outro para que assim o grupo consiga encontrar seu ponto de equilíbrio, fazendo com que o trabalho aconteça, uma vez que, como Magalhães Júnior (2007, p. 21) afirma, ao mesmo tempo em que o ofício de intérprete é exigente e estimulante, pode registrar também “ocorrências menos nobres, de vaidade e intolerância”. Isso porque, como afirma o autor, “o intérprete precisa manter-se vigilante. Precisa lembrar-se a todo momento de que é facilitador e coadjuvante em sua função, não de protagonista” (MAGALHÃES JÚNIOR, 2007, p. 174).

Desse modo, por mais que as relações interpessoais possam ser conflituosas ou causem um tensionamento ao longo do trabalho a ser realizado, o trabalho em equipe não pode, de nosso ponto de vista, ser dispensando partindo dessa justificativa. Nessa direção, nas palavras de Bianca, é preciso “buscar um equilíbrio”, assumindo que “sem a participação de todas essas pessoas, o trabalho de interpretação será muito mais difícil, quando não impossível. E sem bom relacionamento com todas elas, as chances de acidentes são grandes” (MAGALHÃES JÚNIOR, 2007, p. 117).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o foco de nosso texto – apresentar o trabalho em equipe realizado em contexto comunitário por intérpretes de Libras - de acordo com as entrevistas concedidas, cumpre destacar que as intérpretes em questão não tiveram nenhum contato com trabalho em equipe além das atividades disciplinares que o curso de graduação proporcionava, o que corrobora a necessidade de maior formação nessa direção e mais discussões a respeito dos modos como é possível constituir uma formação para atuação em equipe no campo da tradução e interpretação Libras/Língua Portuguesa, como também evidenciam Nogueira e Gesser (2018).

A partir das experiências trazidas nas entrevistas com as intérpretes de Libras participantes, foi possível perceber a grande importância do trabalho em equipe durante as interpretações e que esse trabalho não envolve apenas o momento da atuação, mas trabalho de estudos prévios e elaboração posterior da interpretação realizada, uma vez que, conforme Magalhães Junior (2007), para que o intercâmbio, bem como a troca de ideias entre os intérpretes, funcione de forma eficiente, é preciso que a equipe partilhe “um código de comunicação comum”.

Assim como destacado por Nogueira e Gesser (2018, p. 158), nosso trabalho também evidenciou que “que a relação interpessoal (KELLY, 2010) e a comunicação com o outro (MAGALHÃES JUNIOR, 2007) são maneiras de se favorecer produtivamente para que o trabalho em equipe se desenvolva de uma melhor forma, somadas ao empenho individual e a confiança no trabalho em grupo para a realização de uma interpretação bem-sucedida”.

Com as entrevistas, ainda, pudemos perceber que os feedbacks realizados pela equipe também foram importantes para que o trabalho continuasse acontecendo de forma realmente colaborativa e acessível às mulheres surdas. Magalhães Júnior (2007, p. 176) ressalta que “no universo da interpretação, abundam críticas e são raros os elogios. E a escassez de feedbacks entre colegas reforça o ciclo de censura, com os intérpretes sempre se comparando [...] e cientes, também, de que são objeto do julgamento silencioso do outro”.

Portanto, reconhecemos que é essencial que o grupo de intérpretes se reúna com frequência, uma vez que assumimos que esse é um momento importante de trocas entre os intérpretes – de repertório linguístico mas também de fortalecimento afetivo, essencial para uma atuação confiante e engajada. Desse modo, o trabalho em equipe na interpretação em Libras pode ser entendido muito mais como o revezamento entre dois ou mais intérpretes de Libras contratados para atuarem juntos, mas como um trabalho colaborativo que pressupõe um engajamento dos profissionais em diferentes etapas do processo, para além do momento da interpretação em si mesma.

Conforme salientam Nogueira e Gesser (2018), essas etapas envolvem uma preparação anterior, com diálogo e combinações sobre a atuação; durante a interpretação, quando os profissionais recorrem uns aos outros para ter suporte, como por exemplo, sinais desconhecidos naquele momento,

informações perdidas e termos mais adequados, e ainda um *feedback* posterior à interpretação realizada.

Com a experiência aqui relatada, concluímos que é imprescindível considerar a formação para a atuação em equipe de profissionais intérpretes de Libras, uma vez que foi possível perceber a importância do trabalho compartilhado, para a saúde física e mental dos intérpretes, bem como para a atuação de mais qualidade e a promoção de real acessibilidade linguística para pessoas surdas – também em contextos de interpretação na esfera comunitária.

# The performance of Libras interpreters in the community context: a training experience for teamwork

## ABSTRACT

This paper aims to highlight the importance of teamwork in the field of Libras/Portuguese translation and interpretation, presenting the procedures considered most appropriate for the interpretation of Portuguese Language into Libras (Brazilian sign language) adopted by a team of interpreters in training in context activities community. Two Libras interpreters participated in the research - then undergraduates in a Bachelor's Degree in Translation and Interpreting in Libras/Portuguese Language - who received an online questionnaire with questions about the interpretation work carried out. Based on their answers, we made some considerations about the importance of teamwork so that interpreters could act with more quality towards greater accessibility to deaf people, corroborating with field research that indicates the need for Libras/Language interpretation. Portuguese to be performed by more than one professional translator/interpreter in the most diverse contexts, including when working in the Community context.

**KEYWORDS:** Interpretation Libras/Portuguese Language. Teamwork. Community context.

# La actuación de los intérpretes de Libras en el ámbito comunitario: una experiencia formativa para el trabajo en equipo

## RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo resaltar la importancia del trabajo en equipo en el campo de la traducción e interpretación Libras/Portugués, presentando los procedimientos considerados más apropiados para la interpretación de la Lengua Portuguesa en Libras adoptados por un equipo de intérpretes en formación en actividades de contexto comunitario. Participaron de la investigación dos intérpretes de Libras, entonces estudiantes de la Licenciatura en Traducción e Interpretación en Libras/Lengua Portuguesa, que recibieron un cuestionario en línea con preguntas sobre el trabajo de interpretación realizado. Con base en sus respuestas, hicimos algunas consideraciones sobre la importancia del trabajo en equipo para que los intérpretes puedan actuar con más calidad hacia una mayor accesibilidad a las personas sordas, corroborando con investigaciones de campo que indican la necesidad de que la interpretación Libras/Lengua Portuguesa sea realizada por más de un traductor/intérprete profesional en los más diversos contextos, incluso cuando trabaja en el ámbito comunitario.

**PALABRAS CLAVE:** Interpretación Libras/Lengua Portuguesa. Trabajo en equipo. Esfera comunitaria.

## NOTAS

1 Neste trabalho adotaremos a grafia Libras, com a primeira letra em maiúsculo, do mesmo modo em que é grafado na Lei 10.436/2002 e no Decreto 5626/2005 que a regulamenta.

2 Assumimos aqui que trabalho de tradução se refere ao ato de verter, de uma língua para outra, textos escritos (JAKOBSON, 1969; PASCHOAL, 2007), permitindo ao profissional tradutor maior tempo para a execução do trabalho, a possibilidade de realizar consultas e estudos e a reformulação do resultado final. Já a interpretação entre Libras e língua portuguesa apresenta especificidades: enquanto o processo tradutório permite maior tempo, sendo que é previsto um momento para que o(a) profissional faça o estudo do conteúdo a ser traduzido além de ter a possibilidade de refazer o trabalho quantas vezes considere necessário, a interpretação envolve realizar o trabalho de forma imediata e presencial com seu público (RODRIGUES; SANTOS, 2018). Ressaltamos que o foco deste trabalho é o contexto de interpretação.

3 Trata-se da pesquisa de conclusão de curso da segunda autora, disponível em <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12776>. Acesso em: 19 nov. 2022.

4 Mais informações a respeito podem ser consultadas em <https://promotoraslegaispopulares.org.br/>. Acesso em: 15 abr. 2022.

5 A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade, sob o CAAE 98904818.1.0000.5504, parecer nº 3.123.508.

6 Todos os nomes apresentados no trabalho são fictícios.

## REFERÊNCIAS

ACCESS SERVICES NORTHWEST (ASNW). **Why do I need more than one Interpreter?** Team Interpreting Policy. Portland. Beaverton, Vancouver. 2019. Disponível em: <https://asnwonline.com/why-do-i-need-more-than-one-interpreter>. Acesso em: 19 abr. 2022.

AGILS. Associação Gaúcha de Intérpretes de Línguas de Sinais. 2017. Disponível em: <http://www.agils.org.br>. Acesso em: 22 nov. 2019.

ALBRES, N. A.; KELM, G. B. Um, dois ou mais intérpretes em sala de aula? Não se trata apenas de uma questão numérica. **Revista UFG**, Goiânia, v. 20, n. 26, 2020.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, 2002.

BRASIL. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília: MEC; SEESP, 2004.

BRASIL. **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010**. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Brasília, 2010.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOZA, J. **Team Interpreting**. Alexandria: Rid Press, 214 p. 2010.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969.

KELLY, D. Curriculum. In: GAMBIER, Y.; VAN DOORSLAER, L. (Org.) **Handbook of Translation Studies**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.

LACERDA, C. B. F. O intérprete de língua brasileira de sinais (ILS). In: LODI, A. C. B.; MELO, A. D. B.; FERNANDES, E. **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

MAGALHÃES JÚNIOR, E. **Sua majestade o intérprete: o fascinante mundo da interpretação simultânea**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MARCON, A. M. O papel do tradutor/intérprete de Libras na compreensão de conceitos pelo surdo. **ReVEL**, v. 10, n. 19, p. 233-249, 2012.

MENEZES, A. M. C. **Diálogos com tradutores-intérpretes de língua de sinais que atuam no ensino fundamental**. 2014. 220 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

NOGUEIRA, T. C. Intérpretes de libras-português no contexto de conferência: Trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA, 5., 2016, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2016. p. 1-17.

NOGUEIRA, T. C. A mobilização da competência interpretativa na atuação de conferências: uma reflexão a partir do modelo do PACTE. **Revista Belas Infiéis**, v. 8, p. 189-208, 2019.

NOGUEIRA, T. C.; GESSER, A. "As pessoas não sabem o significado de apoio": percepções e competências no trabalho em equipe na cabine de interpretação libras-português em contexto de conferência. **Translatio**, Porto Alegre, n. 15, p. 122-158, jun. 2018.

PASCHOAL, E. J. O ofício do tradutor. In: DEPAULA, L. (Org.). **Tradução: uma fonte para o ensino**. Vitória: EDUFES, 2007.

RIGO, N. S. Tradução de Libras para Português de textos acadêmicos: considerações sobre a prática. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. especial 2, p. 428-478, 2015.

RODRIGUES, C. H. Da interpretação comunitária à interpretação de conferência: Desafios para formação de intérpretes de língua de sinais. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA, 2., 2010, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <http://www.congressotils.com.br/anais/anais2010/Carlos%20Henrique%20Rodrigues.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2018.

RODRIGUES, C. H.; SANTOS, S. A. A interpretação e a tradução de/para línguas de sinais: contextos de serviços públicos e suas demandas. **Tradução em Revista**, n. 24, v. 12, p. 1-29, 2018.

SANTIAGO, V. A. **Atuação de Intérpretes de língua de sinais na pós-graduação lato sensu: estratégias adotadas no processo dialógico**, 2013. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Programa de Pós Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

SANTOS, L. F. **Práticas do intérprete de Libras no espaço educacional**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2020.

SILVA, A. M. **Análise da participação dos alunos surdos no discurso de sala de aula do mestrado na UFSC mediada por intérpretes**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2013.

VIANNA, A. N. Núcleo de significação: uma proposta de análise revisitada pelo olhar bakhtiniano. In: FREITAS, M. T. A.; RAMOS, B.S. (Org.). **Fazer pesquisa na abordagem histórico-cultural: metodologias em construção**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.

**Recebido:** 13 jul. 2022

**Aprovado:** 18 nov. 2022

**DOI:** 10.3895/rtr.v7n0.15728

**Como Citar:** CABELLO, J.; PEDROSA, L. A atuação de intérpretes de Libras na esfera comunitária: uma experiência de formação para o trabalho em equipe. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 7, e15728, p. 1-17, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr>>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

Janaina Cabello

janainacabello@ufscar.br

**Direito Autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

